



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II

AOS PARTICIPANTES NA SESSÃO PLENÁRIA

DA PONTIFÍCIA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS Segunda-feira, 8 de Novembro de 2004

Senhoras e Senhores

Prezados Amigos

1. É-me particularmente grato encontrar-me com os ilustres membros da *Pontifícia Academia das Ciências*. Agradeço ao vosso Presidente, Prof. Nicola Cabibbo, as amáveis palavras de saudação e de bons votos que me dirigiu em vosso nome.

Os encontros da Academia foram sempre uma ocasião de enriquecimento recíproco e, em determinados casos, levaram a estudos de interesse significativo para a Igreja e para o mundo da cultura em geral. Estas iniciativas têm contribuído para um diálogo mais fecundo entre a Igreja e a comunidade científica. Estou persuadido de que elas levarão a uma investigação mais aprofundada das verdades da ciência e das verdades da fé, verdades estas que, em última análise, convergem naquela única Verdade que os fiéis crentes só reconhecem na sua integridade no Rosto de Jesus Cristo.

2. A Sessão Plenária do corrente ano, dedicada à ciência e à criatividade, levanta importantes interrogações, profundamente vinculadas à dimensão espiritual do homem. Através da cultura e das actividades criativas, os seres humanos têm a capacidade de transcender a realidade material e de "humanizar" o mundo que nos circunda. A Revelação ensina-nos que os homens e as mulheres são criados "à imagem e semelhança de Deus" (cf. *Gn* 1, 26) e, assim, possuem uma especial dignidade que os torna capazes, mediante o trabalho das suas próprias mãos, de reflectir a própria actividade criativa de Deus (cf. *Laborem exercens*, 4). De maneira concreta, eles são destinados a constituir-se em "co-criadores" com Deus, lançando mão do seu conhecimento e das suas capacidades para forjar um cosmos em que o plano divino se orienta constantemente rumo à sua realização (cf. *Gaudium et spes*, 34). Esta criatividade humana encontra expressões privilegiadas na busca do conhecimento e da investigação científica. Como realidade espiritual, tal criatividade deve ser exercida de maneira responsável; ela exige o

respeito pela ordem natural e, acima de tudo, pela natureza de cada ser humano, enquanto o homem é o seu sujeito e a sua finalidade.

A criatividade que inspira o progresso científico é considerado especialmente na capacidade de confrontar e de resolver sempre novas questões e problemáticas, muitas das quais têm repercussões planetárias. Os homens e as mulheres de ciência são interpelados a pôr esta criatividade cada vez mais ao serviço da família humana, trabalhando para aperfeiçoar a qualidade de vida no nosso planeta e promovendo um desenvolvimento integral da pessoa humana, tanto a nível material como espiritual. Se quisermos que a criatividade científica chegue a beneficiar o progresso humano autêntico, ela deve permanecer separada de toda e qualquer forma de condicionamento financeiro ou ideológico, de maneira a poder dedicar-se exclusivamente à busca imparcial da verdade e ao serviço desinteressado da humanidade em geral. A criatividade e as novas descobertas deveriam reunir tanto a comunidade científica como todos os povos do mundo, numa atmosfera de cooperação que valorize mais a partilha generosa do conhecimento do que propriamente a competitividade e os interesses individuais.

3. O tema do nosso encontro convida a uma reflexão renovada acerca dos "caminhos da descoberta". Efectivamente, existe uma profunda lógica intrínseca no processo da descoberta. Os cientistas aproximam-se da natureza com a convicção de que estão a confrontar-se com uma realidade que eles não criaram, mas que receberam, uma realidade que se revela gradualmente à sua paciente investigação. Eles sentem muitas vezes apenas explicitamente que a natureza contém um *Logos* que convida ao diálogo. O cientista procura apresentar as justas interrogações acerca da natureza mantendo, ao mesmo tempo, uma atitude de receptividade humilde e até mesmo de contemplação no que se lhe refere. A "maravilha" que as primeiras reflexões filosóficas sobre a natureza suscitaram e que em seguida deu origem à própria ciência, não diminuiu de modo algum com as novas descobertas; na realidade, ela desenvolve-se constantemente e muitas vezes chega a inspirar um certo temor, pela distância que separa o nosso conhecimento da criação e a plenitude do seu mistério e da sua grandeza.

Diante da explosão do novo conhecimento e das descobertas, os cientistas contemporâneos sentem frequentemente que se encontram diante de um horizonte vasto e infinito. Com efeito, a magnanimidade inesgotável da natureza, com as suas promessas de descobertas perenemente novas, pode ser considerada como uma indicação para além de si mesma, para o Criador que no-la concedeu com uma dádiva, cujos segredos ainda devem ser explorados. Enquanto procura compreender esta dádiva e utilizá-la, sábia e positivamente, a ciência encontra constantemente uma realidade que os seres humanos "encontram". Em cada uma das fases da descoberta científica, a natureza manifesta-se como algo que é "doador". Por este motivo, a criatividade e o progresso ao longo do caminho da descoberta, assim como em todos os empreendimentos humanos, devem ser compreendidos, em última análise, contra o pano de fundo do mistério da própria criação (cf. *Laborem exercens*, 12).

4. Queridos membros da Academia, uma vez mais no corrente ano quero transmitir os meus sinceros bons votos pelo trabalho que levais a cabo em nome do progresso do conhecimento e para o benefício da família humana. Faço votos por que estes dias de reflexão e de debate constituam uma nascente de enriquecimento espiritual para todos vós. Não obstante as incertezas e as dificuldades apresentadas por cada uma das tentativas em vista de interpretar a realidade não apenas no sector das ciências, mas inclusivamente nos campos da filosofia e da teologia os caminhos da descoberta são sempre veredas orientadas para a verdade. E cada indivíduo que se põe em busca da verdade, quer esteja consciência disto, quer não, está a seguir um caminho que, em última análise, conduz para Deus, que é a própria Verdade (cf. *Fides et ratio*, 16e28).

Que o vosso diálogo paciente e humilde com o mundo da natureza produza frutos em cada uma das novas descobertas e num apreço reverencial pelas suas maravilhas incalculáveis. Sobre vós e as vossas famílias, invoco cordialmente as bênçãos divinas da sabedoria, da alegria e da paz.